



GT 29. Diálogos nas fronteiras: a Educação e a Escola como objetos de investigação na Antropologia.

Coordenador(es):

Sandra de Fátima Pereira Tosta (UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto)

Gilmar Rocha (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 1

Debatedor/a: Anderson Tibau (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 2

Debatedor/a: Tânia Dauster Magalhães e Silva (PUC-RIO - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Os debates entre Antropologia e Educação vem sendo realizados desde os anos de 1990 em fóruns científicos no Brasil e no exterior, tendo como referências pesquisas que apresentam as várias possibilidades e desafios da produção científica em perspectiva interdisciplinar e comparada. Uma proposição é clara na delimitação destes debates, qual seja, a de entender o fenômeno da educação não apenas em termos escolares, mas como um processo que remete às aprendizagens nas culturas. Eventos tais como IUAES, RBA, RAM, ALA, têm acolhido estes debates por meio de gts, mesas redondas, simpósios etc. Num rápido balanço das abordagens contempladas nestes eventos e nas publicações que circulam no meio acadêmico, destacam-se: usos da etnografia na pesquisa educacional, o ensino da antropologia para não antropólogos, escola, diferença e diversidade cultural, educação indígena e as pedagogias diferenciadas. Contudo, uma dimensão ainda pouco explorada diz respeito à seguinte problematização: quando antropólogos elegem como tema de investigação questões relacionadas à educação, de que modos isto se configura? Uso de metodologias do tipo estudo de caso, história de vida etc, além da etnografia, e, teoricamente, quais os autores que deram suporte ou dialogaram com o campo? Assim, este GT objetiva reunir antropólogos do Brasil e do exterior que pesquisam fenômenos educacionais a fim de promover uma ampla exposição e debate visando o aprofundamento da compreensão destes diálogos interdisciplinares.

Permacultura, agroecologia e aprendizagem para estudantes do Ensino Médio

Autoria: Pedro Gabriel Ferraz Gama (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

O work toma como ponto de partida os cursos de permacultura e agroecologia, oferecidos a jovens de escolas públicas de Ensino Médio no Rio de Janeiro como parte de seu currículo escolar, para investigar de que forma elementos previstos e não previstos nas práticas pedagógicas influem em processos de aprendizado que ali se desenrolam. Os cursos integram o projeto Escola Permacultural, uma das frentes de work do Instituto PermaculturaLab, e tomam como base os princípios da Permacultura para tratar de temas como sistemas de produção e consumo, gestão de resíduos, manejo da terra, água, saneamento, cuidados com a saúde e bem-estar físico e mental. As aulas são planejadas visando realçar as conexões e a interdependência entre esses diferentes temas e incentivar a formação de uma reflexão crítica sobre desafios socioambientais contemporâneos. As estratégias pedagógicas envolvem a intervenção dos estudantes no ambiente escolar, sendo a principal delas voltada para a implementação e manutenção de um sistema agroflorestal no terreno da escola. Com as aulas propostas, os professores buscam oferecer a estudantes o que chamam de um "laboratório vivo" em que é possível viver e experimentar os conteúdos tratados nas disciplinas do currículo básico. Por meio de observação participante das atividades do projeto em quatro turmas de duas escolas na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, a pesquisa investiga a relação entre aprendizado e elementos como



os corpos de professores e estudantes, o ambiente em que estão inseridos, a organização para a execução de diferentes tarefas, as situações experimentadas e as relações estabelecidas a partir das aulas. A investigação é orientada por noções como a de "aprendizagem situada", de Jean Lave ? em que a aprendizagem é tomada como parte das práticas cotidianas, que envolvem sempre movimento, engajamento e mudança ? e a de "currículo oculto", que chama atenção para o caráter nem sempre explícito dos conteúdos e valores a serem ensinados e aprendidos em instituições educativas. Busca-se analisar como elementos dos contextos escolares pesquisados configuram-se com veículos ou obstáculos para diferentes aprendizagens.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: